

8.
***A Imprensa Universitária de
Buda a Serviço da Formação
da Consciência Nacional dos
Países da Europa Central,
1648-1866***¹

István Monok

Tradução: Eliza Nazarian

A história do ensino superior na Hungria² começa com o *studium generale*, responsável, durante toda a Idade Média, pela formação de clérigos e de monges. Os primeiros elementos que atestam a existência desses organismos provêm de meados do século XIII (relativos, principalmente, ao *studium generale* que funcionava junto ao capítulo de Veszprém). No entanto, essas escolas não podiam conceder a

seus alunos o grau de mestre ou de doutor. Em 1335, os monarcas da Polônia, da Boêmia e da Hungria se reuniram em Visegrád, na Hungria, com o objetivo de negociar seus interesses econômicos e estabelecer uma colaboração que pudesse compensar a influência do Império Germânico na Europa Central. Essa colaboração estendia-se também ao campo do ensino e da cultura. Depois desse encontro dos três monarcas é que foram fundadas as Universidades de Praga (1348), de Cracóvia (1364) e de Pécs (na Hungria, 1367). É evidente que esta última dispunha apenas da faculdade de direito, visto que nunca chegou a permissão papal para abrir uma faculdade teológica. Em contrapartida, a Universidade de Buda (fundada em 1410), a Universidade de Presbourg (criada em 1470) e, por fim, o estabelecimento criado no final do século XV por Mathias Corvinus, em Buda, garantiam somente uma formação teológica. Em regra geral, esses estabelecimentos sobreviveram por apenas alguns anos após o desaparecimento de seus fundadores. Dispomos de pouquíssimas informações sobre a atividade editorial (eventual) em seu meio.

István Báthory – monarca que reinou em união pessoal na Transilvânia, na Polônia e na Lituânia – era católico. Em 1581, deu início à fundação de uma universidade jesuíta. Obviamente, a ordem dos jesuítas estava pronta para fornecer os professores necessários. Todavia, como as tipografias da cidade estavam nas mãos dos protestantes, a edição de obras a serviço do ensino universitário jamais se realizou. De qualquer maneira, os jesuítas foram expulsos da cidade em 1603.

Com a consolidação da situação econômica e política na Transilvânia, o príncipe calvinista Gábor Bethlen podia, legitimamente, pensar na fundação de uma universidade. Sua previsão era estabelecê-la em Gyulaférvár (Alba Iulia), sede do poder principesco, portanto, na própria cidade onde havia funcionado a tipografia curial, capaz de fornecer livros de qualidade ao ensino secundário. A morte precoce do príncipe, em 1627, impediu a realização de seus ambiciosos projetos universitários.

A Igreja católica, renovada segundo o espírito das prescrições tridentinas, empenhou-se em recatolizar progressivamente o reino da Hungria, que fazia parte do Império dos Habsburgos. Um elemento

importante deste ambicioso projeto de reconversão do país, cuja população, na virada do século XVI para o XVII, era de maioria protestante, foi a fundação, em 1635, da Universidade de Nagyszombat pelo arcebispo de Esztergom, Péter Pázmány. (Convém observar que a sede arquiepiscopal, a cidade de Esztergom, esteve sob ocupação otomana entre 1543 e 1686. A formação definitiva das instituições arquiepiscopais foi concluída somente em 1821, quando o capítulo retornou à cidade.) Foi a primeira universidade do país a funcionar até nossos dias, antecessora da Universidade Eötvös Lóránd, de Budapeste. Foi transferida para Buda e Peste³ pela imperatriz Maria Teresa, em 1777, na época da reforma geral do sistema educacional. Foi a partir dessa universidade que se originaram, posteriormente, o Collegium Medicum (a universidade de medicina) e o Collegium Geometricum (a universidade politécnica). Esses dois estabelecimentos tornaram-se autônomos em meados do século XIX.

O arcebispo Miklós Telegdi tinha sido o primeiro a fundar uma tipografia na cidade de Nagyszombat, em 1577. A Imprensa Universitária – que funciona ininterruptamente desde o século XVIII – considera essa oficina como sua ancestral, embora seja verdade que até 1609 ela tenha pertencido ao capítulo de Esztergom. Com o desaparecimento do capítulo, Péter Pázmány fundou uma tipografia arquiepiscopal, que funcionou ali por apenas três anos. A necessidade de livros por parte dos leitores e da universidade fundada em 1635 foi atendida pela oficina arquiepiscopal de Presbourg (1609-1617) e, depois, pela oficina da casa jesuíta da cidade (1623-1652). Na própria Nagyszombat é que foi fundada, em 1648, a tipografia que serviu até o final do século XX à atividade de pesquisa e de ensino dos professores⁴.

As datas ilustres da história política da Hungria constituem, igualmente, reviravoltas na história da tipografia. As lutas dos húngaros contra os Habsburgos e as campanhas militares de libertação movidas contra os turcos obrigaram, muitas vezes, a oficina a suspender suas atividades. Somente no ano de 1711, data da consolidação do domínio dos Habsburgos, é que tem início uma nova fase, mais calma, da vida da oficina. Analisando com maior profundidade os dois primeiros séculos de atividade da Imprensa Universitária,

sobretudo do ponto de vista da composição temática de suas publicações, constatamos que ela servira não só ao ensino universitário, mas também aos fins políticos da Igreja católica e aos objetivos culturais e educacionais dos Habsburgos. Isto é verdadeiro sobretudo no período depois de 1777, data da instalação da universidade e de sua tipografia em Buda, que voltara a ser capital da Hungria⁵. Também em 1777 foi promulgada a *Ratio educationis*, o édito com a finalidade de reorganizar completamente a educação no império, que transformou inteiramente as condições nas quais a universidade devia funcionar. Assim, as faculdades deixaram a cidadezinha do campo para instalar-se na capital, em vias de reconstrução. Os órgãos da administração nacional e a dieta só vieram a se estabelecer na cidade em 1848, por ocasião da luta de independência travada contra os Habsburgos. Com o fracasso do movimento, nos dois decênios que se seguiram a 1849, o regime funcionou sob uma estrutura administrativa inalterada. As grandes transformações sociopolíticas, culturais e institucionais – inclusive a formação de novas universidades – viriam a acontecer somente depois do Compromisso de 1867, portanto com o nascimento da monarquia austro-húngara⁶.

A instalação progressiva da administração estatal dos Habsburgos caminhou *pari passu* com a catolização da população do país. Na Hungria e na Transilvânia do final do século XVII, mais da metade das pessoas pertenciam a um credo diferente do católico romano. Uma parte importante dos húngaros era calvinista, mas havia também muitos luteranos, e – na Transilvânia – a participação dos unitários também era importante. A quase totalidade dos habitantes alemães no país pertencia à fé luterana – apenas os colonos suábios, instalados na Hungria durante o século XVIII, vieram das regiões tradicionalmente católicas. Os croatas e os eslovenos continuaram católicos, ao passo que os russos subcarpatianos, os sérvios e os romenos seguiam os ritos da Igreja ortodoxa. Aqueles dentre eles, bastante numerosos, que não resistiram à pressão de reconhecer a supremacia de Roma, constituíram as comunidades gregas católicas. Os armênios que viviam na Transilvânia, embora conservassem alguns de seus ritos tradicionais, também acabaram por reconhecer a supremacia papal.

Na Hungria, a língua oficial – portanto da administração e da educação – continuou sendo o latim até 1844. Na Transilvânia, reunida à coroa húngara em 1848, a língua oficial tinha sido o húngaro, mas o estudo do latim nunca deixou de ser obrigatório nas escolas. Assim, não devemos nos espantar em ver que, no primeiro quarto do século XIX, os livros em latim estão sempre em maioria entre as publicações da Imprensa Universitária. Examinemos mais de perto a composição linguística das obras saídas dos prelos sem, no entanto, enumerar todas as cifras relevantes⁷.

Produção da Tipografia de Nagyszombat, 1648-1777

PERÍODO	Latim	Hung.	Alem.	Eslov.	Rom.	Serv.	Croata	Outro	Total	Média anual
1648 - 1673	82	33		2					117	5
1674 - 1685	75	32	4	4					115	10
1686 - 1711	460	104	18	37	1	3	5	2	630	25
1712 - 1777	3438	265	98	185	1		9	11	4007	66
TOTAL	4055	434	120	228	2	3	14	13	4869	

Produção da tipografia em Buda, 1778-1849

PERÍODO	Latim	Hung.	Alem.	Eslov.	Rom.	Serv.	Croata	Hebreu	Outros	Total	Média anual
1778 - 1803	784	192	295	105	21	118	48		16	1579	65
1804 - 1824	415	236	257	43	167	241	34	32	27	1452	72
1825 - 1849	524	951	372	81	90	312	45	40	52	2157	86
TOTAL	1723	1379	924	229	278	671	127	72	95	5498	

Produção da tipografia, 1850-1866

(Neste período, a gráfica produziu apenas manuais e atos oficiais.)

PERÍODO	Latim	Hung.	Alem.	Eslov.	Rom.	Serv.	Croata	Hebreu	Outros	Total	Média anual
1850 - 1866	80	235	113	40	09	60	02	85	17	641	43

Antes de passarmos à análise rápida dos dados das tabelas, devo ressaltar que, ao longo de todo o século XVIII, o número de tipografias ativas na Hungria e na Transilvânia não parava de aumentar. Enquanto no século XVII apenas 29 cidades da Hungria abrigavam oficinas gráficas, esse número aumentou progressivamente ao longo do século XVIII, chegando a 48 em seu final. Além disso, o funcionamento dessas oficinas era mais contínuo do que antes. Na primeira metade do século XIX, as sedes dos condados se esforçavam para montar suas próprias oficinas, cujo número, em meados do mesmo século, aproximava-se de uma centena em todo o país. No total, o século XVIII viu saírem das gráficas húngaras 45 mil obras – o que equivale à produção dos primeiros cinquenta anos do século XIX. Ora, a construção temática e linguística da produção da Imprensa Universitária é notável sob diversos aspectos: reflete as transformações das políticas cultural, educacional e nacional levadas a cabo pela administração vienense.

Vejamos, agora, que conclusões podemos tirar das cifras já conhecidas⁸. Os livros latinos constituem a maioria absoluta no curso de todo o século XVIII em relação aos livros impressos em outras línguas. Essa predominância da língua latina se explica pelo fato – já assinalado – de que o latim permaneceu por muito tempo a língua oficial da administração e da educação. Acrescentemos imediatamente que esse fato contribuiu em larga escala para o caráter fundamentalmente arcaico do *corpus* dos conhecimentos e das leituras na Hungria: nos países ocidentais, as obras que veiculam as novas ideias são escritas em línguas vernáculas. Na Hungria, é muito frequente um mecenas generoso propondo-se elevar o nível da cultura geral, mandar traduzir para o latim obras modernas italianas, alemãs ou francesas, a fim de que se tornem acessíveis ao público húngaro. A participação das obras latinas começou a diminuir somente depois de 1803.

O primeiro terço do século XIX é conhecido na história húngara e transilvânica como a Era das Reformas. Um aspecto importante das reformas foi justamente a promoção da cultura de língua húngara, graças, em parte, à criação de um novo quadro institucional.

Além da criação de inúmeras revistas concebidas em húngaro, ressaltamos a constituição da Biblioteca do Reino da Hungria (*Bibliotheca Regnicolaris*, 1802) e a criação do Museu Nacional da Hungria. Na Transilvânia, os húngaros católicos e calvinistas fundaram suas próprias bibliotecas e seus museus (Ignáce Batthyány, 1798; Sámuel Teleki, 1802). A Academia Húngara de Ciências, fundada em 1825, teve como objetivo a promoção da língua e da cultura húngaras (*magiars*), ao passo que o primeiro dicionário ortográfico da língua húngara viu a luz em 1831. A grande preocupação política da nobreza húngara foi a junção da Transilvânia à coroa e a reformulação das relações da Hungria com o império, no sentido, é claro, de uma independência nacional maior do que antes.

Como explicar o grande número e a tiragem relativamente elevada das obras publicadas em língua húngara e a fraca participação dos livros alemães? Um dos motivos principais é, sem dúvida, o fato de que, para a população germanófono – majoritária nas cidades –, era menos oneroso adquirir os livros impressos na Alemanha do que financiar a edição local (essa carestia se deve, sobretudo, ao preço muito elevado do papel). Eis o que explica o número relativamente baixo das obras editadas em alemão, num mundo, porém, em que a edição era dominada pelos impressores germanófonos. Não esqueçamos também que a população alemã – cuja porção preponderante vivia nas cidades reais livres, beneficiando-se de um poder municipal relativamente elevado – era luterana, o que faz com que o fortalecimento de seu papel político não figurasse entre os objetivos prioritários da corte vienense. Assim, o número de livros alemães aumentou apenas em paralelo com o crescimento da população alemã católica e rural, devido a uma política consciente implantada pelos Habsburgos. Os esforços vienenses com vista à germanização da língua oficial do país não obtiveram sucesso, mas é indiscutível que a Imprensa Universitária publicou inúmeros documentos oficiais em língua alemã (sobretudo depois do fracasso da revolta húngara em favor da independência).

É interessante observar os progressos da participação das publicações em línguas eslovaca, romena e sérvia, sobretudo se analisarmos

esses números em comparação com a composição étnica da população do país (a Hungria e a Transilvânia juntas) em 1840:

40 mil eslovenos
240 mil judeus
340 mil croatas (incluindo os *sokcis*)
440 mil rutenos
560 mil sérvios
1 040 mil alemães
1 210 mil romenos
1 680 mil eslovacos
4 330 mil húngaros.

O número de livros em língua croata permanece insignificante, mas isso se explica, sem dúvida, pelo fato de que os editores de Zagreb forneceram ao público as edições de que ele tinha necessidade. A quantidade de livros eslovacos publicados pela Imprensa Universitária já havia sido espetacularmente baixa quando atuava em Nagys-zombat; o período em que se transferiu para Buda traz consigo uma diminuição suplementar. Certamente, na região setentrional da Hungria (*Hungaria Superior*), podiam-se encontrar tipografias que produziam livros em eslovaco, mas mesmo assim fica evidente que a administração vienense não tinha qualquer intenção de estimular as veleidades culturais dos eslovacos. Em contrapartida, os romenos e os sérvios foram beneficiados por alguns gestos benevolentes provenientes da corte. Isso se explica, sem dúvida, pelo baixíssimo nível de cultura geral da população romena e sérvia – um problema gravíssimo que a administração queria remediar a qualquer custo.

O estudo da composição linguística das publicações é particularmente importante, porque nas regiões centro-europeias o conceito de “nação” corresponde a uma comunidade essencialmente linguística, ao contrário do que acontece na Europa Ocidental, onde a nação – na maioria dos casos – é uma construção política: a comunidade dos habitantes de um território específico, que aceitam o idioma falado pelo soberano como língua da administração. Para as comunidades étnicas

da Europa Central, a existência da cultura e da literatura nacionais é o signo maior que atesta sua existência nacional. A atividade da Imprensa Universitária de Buda – conduzindo sua política de publicação em estreita colaboração com a administração central – influenciou diretamente a formação da consciência nacional desses povos⁹.

NOTAS

- 1 Esse estudo foi escrito dentro do programa TÁMOP 4.2.2.C-11/1/KONY-2012-0008.
- 2 *Die ungarische Universitätsbildung und Europa*, org. von Márta Font & László Szögi, Pécs, Bornus, 2001.
- 3 A capital da Hungria medieval foi Buda, sob ocupação turca entre 1541 e 1686. Após a saída dos otomanos, as três cidades – Buda, Pest, e Óbuda – tinham, juntas, uma população de doze mil habitantes. A reconstrução teve início apenas no começo do século XVIII, e os monarcas (Carlos III, depois Maria Teresa) construíram seus primeiros palácios na década de 1730. Ainda que a imperatriz tenha acelerado os trabalhos e a lugar-tenência tivesse sua sede em Buda, a Dieta instalou-se em Peste somente em 1848. A maioria das Dietas entre 1541 e 1848 aconteceu em Presbourg (Bratislava). Óbuda, Buda e Peste foram reunidas em 1873, sob o nome de Budapeste.
- 4 Iványi Béla-Gárdonyi Albert, *A Királyi Magyar Egyetemi Nyomda története 1577–1927 (História da Tipografia Real Universitária)*, Budapest, KMENy, 1927; Käfer István, *Az Egyetemi nyomda négyszáz éve, 1577–1977 (400 anos da Tipografia Universitária)*, Budapest, Magyar Helikon, 1977.
- 5 Cf. Haiman György-Muszak Erzsébet-Borsa Gedeon, *A nagyszombati jezsuita kollégium és az egyetemi nyomda leltára, 1773 (O Inventário dos Livros, das Cartas, et das Ferramentas do Colégio Jesuíta e da Tipografia Universitária de Nagyszombat, 1773)*, Budapest, Balassi Kiadó, 1997.
- 6 Cf. *Millénaire de l'histoire de Hongrie*, org. Péter Hanák, Budapest, Corvina, 1986; *Histoire de la Transylvanie*, org. de Béla Köpeczi, Budapest, Akadémiai Kiadó, 1992; Nemeskürty, István, *Nous, les Hongrois, Histoire de Hongrie*, Budapest, Akadémiai Kiadó, 1994; Köpeczi Béla, *Histoire de l'histoire de la culture hongroise*, Budapest, Corvina, 1994.
- 7 *Typographia Universitatis Hungaricae Budae 1777–1848*, org. por Péter Király, Budapest, Akadémiai Kiadó, 1983. pp. 479-499: Index librorum selectorum in Typographia Universitatis Hungaricae Budae 1777-1848 impressorum.
- 8 O registro contínuo dos livros antigos e a integração dos resultados em bancos de dados virtuais nos últimos quinze anos permitiram o surgimento de numerosas obras até então desconhecidas ou não identificadas. Já que cerca de uma dezena de novas entradas diz respeito apenas à Imprensa Universitária de Buda, as conclusões que se podem tirar do estudo estatístico de 1977 não precisam ser modificadas.
- 9 Cf. Péter Király, *National Endeavours in Central and Eastern Europe as Reflected in the Publications of the University Press of Buda, 1777-1848*, Budapest, OKM, 1993.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

reitor Marco Antonio Zago

vice-reitor Vahan Agopyan

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

diretor Eduardo Henrique Soares Monteiro

vice-diretora Brasilina Passarelli

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

E EDITORAÇÃO

chefe Dennis de Oliveira

COM-ARTE

PROFESSORES RESPONSÁVEIS

Marisa Midori Deaecto

Plínio Martins Filho

Thiago Mio Salla

GESTÃO 2017 | 1º SEMESTRE

ADMINISTRATIVO

Anna Clara Ferro, Giovanna Oliveira

COMERCIAL

Alice De Lucca, Anna Carolina Serikyaku,

Arthur Aleixo, Beatriz Honrado, Filipe D'Elia,

Rodrigo Orsi

EDITORIAL

André Carrilho dos Santos, Francisco Bresolin,

Isabella Sato, Lara Salgado, Raissa Cardoso,

Luis Guilherme Ribeiro, Marina Timm

Marisa Midori Deaecto
Plinio Martins Filho
(orgs.)

*Livros e
Universidades*

COM
AR
TE

LIS

Copyright 2016 by autores

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELO SETOR DE COLEÇÕES E SERVIÇOS DA BIBLIOTECA
BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN**

D2781

Livros e Universidades / organizadores: Marisa Midori

Deaecto, Plínio Martins Filho. – São Paulo:

Com-Arte, 2017. 392 p.

ISBN: 978-85-7166-173-8

1. Livro. 2. Universidade. 3. Editoras universitárias.

I. Deaecto, Marisa Midori. II. Martins Filho, Plínio.

II. Título.

CDD 002.070

Direitos reservados à

COM-ARTE

Editora Laboratório do Curso de Editoração da USP

Rua Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 Bloco 2 Sala 10

Cidade Universitária 05508-900 São Paulo SP Brasil

t. (11) 3091-4016 editoracomarte@usp.br

Printed in Brazil 2017

Foi feito o depósito legal

*Onde se queimam os livros,
acaba-se queimando pessoas.*

H. HEINE

Para

Ivan Teixeira (1950-2013)

André Schiffrin (1935-2013)

Andrew Brown (1950-2013)

Marco Santoro (1949-2017)

In memoriam

Edusp, História Viva Marisa Midori Deaecto 9

Editoras Universitárias Plínio Martins Filho 23

Editores e Escritores no Mercado de Letras 27

1. Pesquisando a História do Livro no Brasil Laurence Hallewell 29
2. Editoras Universitárias, para Quê? Paulo Franchetti 39

A Edição de Livros Universitários na Alemanha e na Itália 47

3. Comércio de Livros e Ciência na Alemanha:
Desenvolvimento e Interdependências de uma Relação Difícil Ursula Rautenberg 49
4. Algumas Observações sobre a Edição Universitária na Itália de Hoje Edoardo Barbieri 63
5. Livros e Universidades na Itália Centro-Meridional: Diretrizes para um Balanço Marco Santoro 85

Entre Livros de Papel e Livros Digitais: A Convivência Possível 113

6. Por Que os Livros Ainda Têm Importância John Donatich 115
7. Livros, Bytes ou Ambos? Andreas Degkwitz 131

**Livros e Universidades: Produção, Circulação
e Recepção das Obras Científicas** 141

8. A Imprensa Universitária de Buda a Serviço da Formação da Consciência
Nacional dos Países da Europa Central, 1648-1866 István Monok 143
9. O que é Ser Livreiro e Impressor da Universidade na França sob o Antigo Regime Frédéric Barbier 153

Livros e Edições no Mundo Ibérico 177

10. Os Universitários e os Livros Didáticos na Espanha (1845-1936) Jean-François Botrel 179
11. O Mercado do Livro, a Edição e a Universidade em Portugal:
Traços Contemporâneos Nuno Medeiros 195

A Escrita dos Livros 221

12. Memória das Edições e Gestos de Leitura *Jerusa Pires Ferreira* 223
13. A Escrita Entre a Linguística e as Artes Gráficas *Michel Melot* 231
14. Fenomenologia, Símbolo & História no Conceito de Livro *Ivan Teixeira* 243

Editoras Universitárias na França 253

15. As Editoras Universitárias Francesas: Entre o Modelo Público e o Privado, um Reconhecimento Simbólico Dificil *Jean-Yves Mollier* 255
16. As Presses Universitaires de Rennes no Atual Cenário Editorial Francês: Uma Dinâmica Multiforme a Serviço do Livro e da Pesquisa *Denis Rodrigues* 269
17. A Formação nos Ofícios do Livro nas Universidades Francesas: O Lugar das Ciências Humanas *Patricia Sorel* 287

Profissionais do Livro: Formação Humanística e Mercado Editorial 295

18. *Baby Steps*, Começar a Andar *Valeria Sorín* 297
19. O Curso de Editoração da ECA-USP: Um Projeto Democrático *José de Paula Ramos Jr.* 309
20. O Catálogo como Ferramenta Pedagógica na Formação dos Editores *Eduardo Pablo Giordanino* 315

Desafios da Edição Acadêmica no Mundo Contemporâneo 329

21. Sobre o Sentido da Editora Universitária, sua Filosofia e Estratégias *Gonzalo Alvarez* 331
22. Os Desafios da Edição Acadêmica no Mundo Contemporâneo *Bernardo Jaramillo Hoyos* 339

Editoras Universitárias e os Desafios Impostos pelas Novas Mídias 345

23. As Editoras Universitárias e os Desafios da Publicação Acadêmica *Mary Katherine Callaway* 347
24. A Estrutura de Nossa Revolução Editorial *Garrett P. Kiely* 357
25. Um Futuro para a Publicação Acadêmica? *Andrew Brown* 367